

Revista Sul: as ilustrações e o modernismo plástico em Santa Catarina.

Larissa Chagas Daniel
larissachagasdaniel@yahoo.com.br
Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: Este artigo consiste em apresentar uma análise da Revista *Sul*, e as ilustrações de Hugo Mund Jr., Heidy de Assis Correa (Hassis), Martinho de Haro e Meyer Filho, inseridas na mesma, com o objetivo de delinear os conceitos modernistas que permeavam a produção dos mesmos. Assim como em outros estados e cidades, a terceira geração modernista, e o ambiente pós-guerra, proporcionaram em Santa Catarina novos parâmetros culturais e artísticos. Como resultado vê-se formar o CAM (Círculo de Arte Moderna) responsável pela publicação da Revista *Sul*, principal veículo de divulgação dos conceitos e idéias modernistas, que serão aqui abordados.

Palavras-chave: Revista *Sul*; Ilustrações; Artes plásticas; Modernismo catarinense

Abstract: This article consists of presenting one analyzes of the South Magazine, and illustrations of Hugo Mund J., Heidy de Assis Correa (Hassis), Martinho de Haro and Meyer Filho, inserted in the same one, with the objective to delineate the modernism concepts that permeated the production of the same ones. As well as in other states and cities, the third generation modernism, and the surrounding postwar period had provided in Santa Catarina new cultural parameters and artistic, as resulted it is seen to form the CMA (Circle of Modern Art) responsible for the publication of the South Magazine, main I propagate of spreading of the concepts and modernism ideas, that will be boarded here.

Keywords: South magazine; Illustrations; Plastic arts; Catarinense modernism

Apesar da maioria dos autores falarem de um modernismo tardio em Santa Catarina, ou até mesmo especificar um atraso de 26 anos; pretendo deter-me neste artigo na análise da produção dos artistas plásticos Hugo Mund Jr., Heidy de Assis Correa (Hassis), Meyer Filho e Martinho de Haro a partir da colaboração destes à revista *Sul*.

Periódico publicado pelo Grupo Sul, *Sul* é editada de 1948 a 1957, e constitui-se como principal veículo de disseminação dos ideais modernistas em Santa Catarina, ideais estes proferidos ao Brasil na semana de arte moderna em 1922. Mas no que consistiam estes ideais modernistas? E quais ideais permeavam as atividades do Grupo Sul, principalmente que impulsionavam a publicação da revista? Para respondermos a estas perguntas serão analisados textos e ilustrações publicados na mesma.

O modernismo brasileiro eclodiu em 1922 com a Semana de Arte Moderna, evento realizado em São Paulo, o mesmo foi protagonizado por jovens representantes da classe média alta. Vindos de temporada de estudos na Europa, estes jovens dedicados a artes plásticas,



literatura, poesia, encontravam-se impulsionados por um espírito renovador das vanguardas europeias. Porém a divulgação dos ideais modernistas, proferidos por estes jovens nos manifestos, em âmbito nacional de forma descentralizada só ocorrerá com a chamada terceira geração, isto em 1945, com a publicação de revistas como: *Joaquim* (Curitiba, 1946), *Quixote* (Porto Alegre, 1947), *Clã* (Ceará, 1949), *Presença* (Recife, 1948), *Seara* (Goiânia, 1952), *Edifício* (Belo Horizonte, 1948), além de outros lugares como Santa Catarina com *Sul* em 1948.

Nas décadas de 20 a 40 Santa Catarina encontrava-se embebida dos conceitos estéticos e teóricos da Academia, nas artes plásticas os resquícios do neoclassicismo eram dominantes. Somente em 1920 foi instituída a Academia de Letras, artisticamente inexpressivo o Estado permanecia exaltando seus expoentes clássicos, e outro motivo para o “atraso” consistia no precário sistema de comunicação. Muito se demorou em publicar e divulgar as obras literárias, como nos afirma Lauro Junkes, que ao analisar o artigo de Nereu Correa publicado no jornal *O Estado*, em 1949, intitulado “O panorama atual das letras catarinenses” ressalta três aspectos: “a nossa formação cultural, a escassez de meios para impressão dos nossos livros e outro fator de natureza sociológica.”¹

Porém surgem os “novos” disseminados por todo Brasil, mas carregados de peculiaridades, estes não são meros reprodutores do discurso modernista de 22, são também responsáveis pela divulgação e construção de uma cultura local, assim aponta Luciene Lehmkuhl:

É inegável que tais valores, característicos do modernismo, ganham corpo, reconhecimento e valorização em Santa Catarina, após a atuação do CAM. No entanto, é preciso lembrar que no período pós-guerra, vai ocorrer a disseminação dos postulados da arte moderna por todo Brasil e aspectos característicos das mais variadas regiões do país, passam a ser incorporados pelos artistas que nesse momento, mesmo deslocando-se aos grandes centros culturais, não deixam de olhar e cantar as suas cidades. Assim, pode-se também perceber o movimento moderno em Florianópolis, para além de um momento inaugural dos ideais modernistas da semana de 22, no território catarinense.²

Representantes do modernismo catarinense, o Grupo Sul, também denominado CAM (Círculo de Arte Moderna) pretendia democratizar e “popularizar” as manifestações artísticas, nas suas diversas expressões, como: teatro, literatura, artes plásticas, cinema, e outras. Formado de intelectuais promissores o Grupo Sul possuía uma unidade, podemos perceber isto na

¹ JUNKES, Lauro. *Anibal Nunes Pires e o Grupo Sul: um estudo sobre o Grupo Sul e uma antologia dos poemas e contos de Anibal Nunes Pires*. Florianópolis: Ed. da UFSC: Lunardelli, 1982. p. 17.

² LEHMKUHL, Luciene. *Imagens além do círculo – O Grupo de Artistas Plásticos de Florianópolis e a positividade de uma cultura nos anos 50*. Florianópolis, UFSC, 1996. Dissertação (Mestrado em História). UFSC, 1996. p. 27.



permanência do diretor da revista *Sul* desde sua primeira a última edição. Formado por Antonio Paladino, Cláudio Bousfield Vieira, Salim Miguel, Aníbal Nunes Pires, Aldo J. Sagaz, Ody Fraga e Silva, Eglê Malheiros e outros, estes “jovens” modernistas escreviam e debatiam suas ideias vindo a publicá-las no jornalzinho *Folha da Juventude*. Parte deste grupo também publicou outro jornalzinho de conteúdo mais ácido e questionador, o *Cicuta*, assinado pelos “quatro justos” que seriam Aldo J. Sagaz, Antonio Paladino, Cláudio Bousfield Vieira e Salim Miguel, mas havia a necessidade de ampliar a divulgação de suas ideias. Para realizá-las o CAM inicia suas atividades, ou seja, a fundação do Teatro de Câmara e a promoção de peças teatrais para obtenção de fundos para financiar a concretização da Revista *Sul*.

Iniciam-se as atividades e em janeiro de 1948 tem-se publicado o primeiro número da Revista *Sul*. Continuar-se-iam a sobreviver? Esta era a grande dúvida, porém a preocupação estava em serem sinceros e críticos, discurso este que irá permanecer, no número 20, apresentam-nos o seguinte texto:

Não somos vaidosos e tão pouco somos modestos. Queremos apenas ser sinceros com os outros e sobretudo conosco. Infelizmente ser sincero, nos tempos atuais, importa em desagradar mediocridades e desmascarar medalhões; importa em ferir suscetibilidades, - profanar torres de marfim e ofender mentalidades cujo peso morto de sua bagagem cultural atiraram a um canto, nos pórticos do séc. XX. [...] Talvez devemos explicar: ser sincero, conforme pensamos, é ser antes de tudo humano.³

Discurso tão enfático, estará este direcionado a alguém, ou a um determinado grupo? O grupo que o produziu, o mesmo que via ou fazia nascer o modernismo catarinense, em determinado momento opunha-se aqueles que insistiam em manter-se fieis aos modelos clássicos de arte, na poesia imperavam as regras métricas, na pintura o figurativo fiel, por isso pareciam destilar suas palavras como veneno.

As ilustrações, assim como os textos que constituem os trigésimos exemplares da revista *Sul* possuem além de uma crítica mordaz um forte traço modernista. Mas quais seriam as marcas modernistas permanentes na produção destes artistas? O espírito rebelde é o que nos fala Salim Miguel editor e colaborador de *Sul*, “então como filhos rebeldes, independentes, que gostamos de analisar os fatos, vamos negar o que de mal ela (semana de 22) nos legou, aceitando o bom em especial o espírito de rebeldia e de eterna pesquisa.”⁴ O modernismo para estes filhos

³ Grupo Sul. *Sul*, Florianópolis: IOESC. n. 20, ano VII, ago. 1953. p. 1.

⁴ MIGUEL, Salim. *Sul*, Florianópolis: IOESC. n. 16, ano V, jun. 1952. p. 48.



rebeldes não representava uma estética definida e apurada, mas sim a contestação dos valores acadêmicos, que:

Chegara, vamos assim dizer a um ponto morto. Sim, um ponto morto. Exausta. Sem perspectivas. Tanto que um movimento tão mal estruturado e defeituoso como foi a semana conseguiu sem esforço destruí-la. [...] Os moços escritores de antes de 22 não anteviam caminhos, perdiam-se num emaranhado confuso de teorias, sem o mínimo de objetividade, desligados do meio ambiente e do povo, repetindo-se uns aos outros. [...] Nos outros campos da arte se dava o mesmo.⁵

Não havia regularidade na publicação de *Sul*, e também observamos que a mesma pedia para o debate literário, mas o texto acima incluído no número 28 escrito por Salim Miguel demonstra que as transformações propostas pelo modernismo, assim como a estagnada geração da academia era generalizada no campo artístico.

Divulgar as artes, este era um dos objetivos, por isso *Sul* inclui em seus números ilustrações, algumas como amostras de exposições contemporâneas, ou ilustravam poemas, contos, e outras parte da apresentação de algum artista com notícia vinculada na revista. As capas também apresentam um amplo material, porém estas eram reproduções em preto e branco, e nem sempre constituíam de boa resolução.

Diante deste rico material plástico, pretendo aqui fazer um breve estudo do modernismo catarinense declarado nas páginas da revista *Sul*, a partir das ilustrações de Hugo Mund Jr., Heidy de Assis Correa (Hassis), Meyer Filho e Martinho de Haro, estes juntamente com outros artistas irão no ano de 1958 fundar o GAPF (Grupo de Artistas Plásticos de Florianópolis). Cada qual com características específicas, mas ambos possuidores do mesmo espírito de renovação e pesquisa, outro ponto que os aproxima é a exploração da temática local em seus trabalhos.

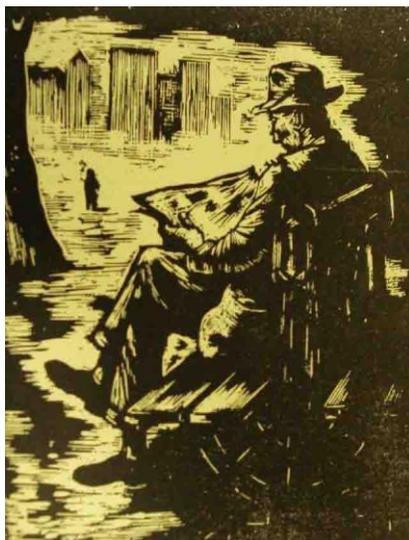
Hugo Mund Jr. nasceu em Mafra em 1933, mas residiu em Florianópolis desde muito jovem vivenciando a paisagem da região, antes de colaborar com suas ilustrações já participava de *Sul* na seção literária com a peça teatral “O Louco” (número 10) e contos, um destes intitulado “No Bar e café ‘expresso’”, quanto às ilustrações foram reproduzidos desenhos e gravuras.

Na xilogravura retratada na figura 1 visualizamos um homem sentado em um banco de praça, imagem que preexiste em muitos lugares, mas não nos cabe aqui fazer relato da ação, mas sim de como esta foi retratada. Madeira entalhada em pequenos pedaços, precisão no uso da goiva (instrumento de corte, para entalhar a madeira). Sentimos a presença deste homem sentado,

⁵ Idem. *Sul*, Florianópolis: IOESC, n. 28, ano IX, dez. 1956. p. 5.



imagem e expressão viva. A predominância do preto não ofusca a composição, e os espaços vazios tendem a iluminar o todo.



(Figura 1)

Outra ilustração a ser destacada do mesmo artista é o desenho intitulado *Pescadores* (figura 2). Traçado limpo e simples, mas que compreende a ação dos personagens, os pescadores, figuras típicas do povoado ilhéu, são a fonte de pesquisa e inspiração do artista, que simplifica ou quase abstrai a composição.



Figura 2

Este desenho (figura 2) despertou a atenção de LEHMKUHL que o analisa da seguinte forma,

a linha tortuosa vai e volta, mas, não dilui os personagens, eles continuam ali, mostrando-se ao observador, dando-se a conhecer, como manequins numa vitrine. Estes sujeitos já não precisam estar ocultos, eles ganham visibilidade ao mostrarem-se, sob o olhar do artista, em ângulos variados. Detalhes como os chapéus, as calças enroladas, os pés descalços e as camisas que abrigam o corpo do castigo do sol e do sal; compõem as figuras e carregam a posituação do cotidiano daquela cultura e daqueles sujeitos, nos quais, esta geração de jovens artistas estão interessados e, incorporam como temática privilegiada de suas obras, servindo de base e também de pretexto para as experiências formais e técnicas que realizam.⁶

Incluído neste grupo também está Ernesto Meyer Filho natural de Itajaí, formou-se em Ciências Contábeis, quanto a sua formação artística constitui-se de um autodidata,

quando do surgimento do Grupo sul encontrava-se em Curitiba, mas logo estaria integrado e seria colaborador da revista, na composição de uma das capas do ano de 1955 e outras ilustrações. Mas podemos perceber uma diferença destas suas ilustrações para outras obras, talvez uma certa timidez, ou mesmo um período de transição para novas experimentações.⁷

Deve-se destacar nos desenhos de Meyer Filho um mundo lírico presente na paisagem da cidade, sua produção modernista é muito particular quando analisada ao lado de seus contemporâneos locais e nacionais; no desenho *Porto de Florianópolis* (figura 3) os detalhes permanentes na sua obra sugerem uma textura muito própria da sensação do artista, além do que é visto Meyer representa o percebido.

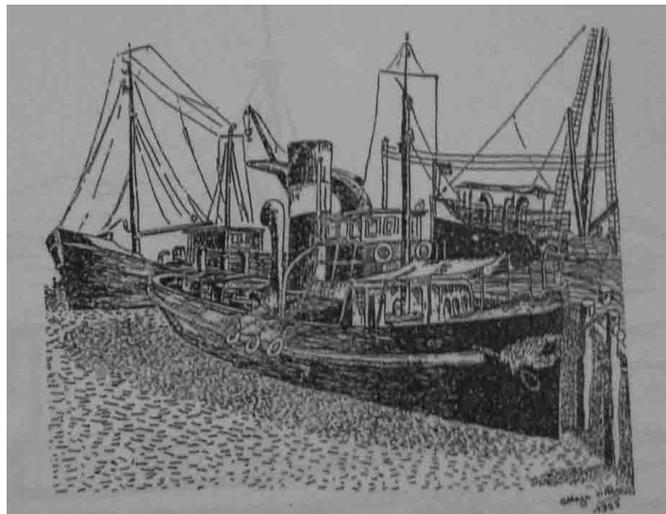


Figura 3

⁶ LEHMKUHL, op. cit. . p. 33.

⁷ DAMIÃO, Carlos. *Meyer Filho: vida e arte*. Florianópolis: FCC, 1996.

Outros artistas também ilustraram as páginas de Sul com sua sensibilidade, um deles é Martinho de Haro, que tem a sua chegada na ilha apontada por Adalice Maria de Araújo como um dos grandes acontecimentos que marcaram a década de 40 e 50 em Santa Catarina, juntamente com as importantes pesquisas de Franklim Cascaes⁸.

Assim como os outros artistas aqui em destaque, Martinho de Haro não é natural de Florianópolis, este nasceu em São Joaquim, em 1907, sempre dedicado ao mundo artístico estudou na Escola de Belas Artes no Rio de Janeiro, e também esteve na França, mas sua grande fixação como certa vez falou sua esposa era pintar Florianópolis⁹, por isso aqui se instala na década de 1940. Pois não poderia faltar aspectos da cidade em seus desenhos, na edição número 16 de *Sul* temos na capa a casa de Victor Meirelles retratada por Martinho de Haro. Quando observo tal representação (figura 4), questiono-me: - será este desenho de observação, ou apenas a memória visual do artista transposta no papel? São traços a (trans)formar a cidade, Florianópolis viva na memória, desenhada por inspiração, como o próprio Martinho de Haro fala:

Gosto de pintar Florianópolis porque fui seduzido pela sua beleza natural, sua magia e sabor colonial, no sentido de sua memória. Sinto-me integrado em seu espírito, tudo isto sem esquecer minhas origens serranas, onde também já tive belas inspirações.¹⁰

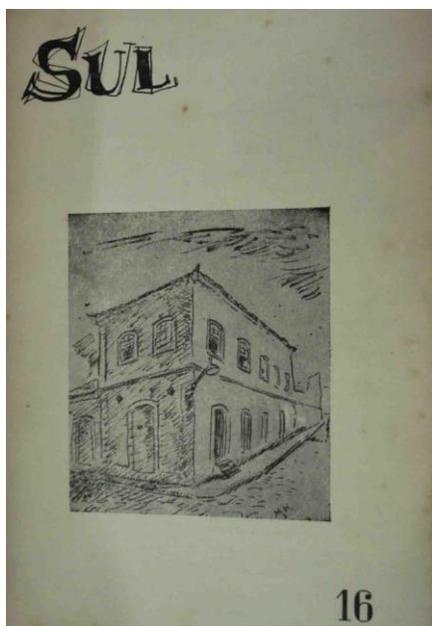


Figura 4



Figura 5

⁸ ARAUJO, Adalice Maria de. *Mito e magia na arte catarinense*. Florianópolis: IOESC, [1977]. p. 57.

⁹ AYALA, Waldir; HARO, Rodrigo de. *Martinho de Haro*. Rio de Janeiro: Leo Christiano Editorial, 1986. p. 36.

¹⁰ *Ibidem* p. 31.

Numa outra capa, da edição número 30 (figura 5) Hassis apresenta-nos em traços rápidos e simples a Igreja de São Francisco, para muitos um ponto de referência da cidade de Florianópolis. Heidy de Assis Correa (Hassis) artista múltiplo começou desde cedo a produzir seu relato visual. Natural de Curitiba veio para Florianópolis aos dois anos de idade, em 1928, sempre integrado no ambiente cultural de Florianópolis não poderia estar de fora das páginas de *Sul*, ao analisar a exposição de Hassis e Meyer Filho, que ocorreu no Instituto Brasil Estados Unidos (IBEU), exposição esta de desenhos e pinturas de motivos catarinenses, C. de S. nos traduz o artista:

embora nascido em Curitiba, Assis Correa, como artista é catarinense. Florianópolis nunca foi tão bem retratada como naquela serie de aquarelas, óleos e nanquins expostos no Instituto. O fato entretanto, de transpor em desenhos motivos de uma cidade, seja ela Florianópolis ou Passárgada, pouca importância apresenta. Interessa, isto sim, o modo como o artista explorou os seus temas, a solução plástica que transmitiu à eles, impondo ao espectador, diante de cada quadro, um momento de beleza sensorial.¹¹

Não poderíamos generalizar a produção destes artistas, nem tão pouco reduzi-los a um grupo unificado, pois como observamos a detalhes inerentes a cada um, possuem singularidades, são os desenhos detalhados de Meyer Filho, as gravuras negras (ou retrato de uma cidade obscurecida?) de Hugo Mund Jr., entre outros. Mas o que fazem destes, - Hassis, Martinho de Haro, Hugo Mund Jr. e Meyer Filho - representantes do modernismo catarinense? Se entendermos o modernismo catarinense como correspondente ao movimento engajado nas páginas da revista *Sul*, é inevitável tomarmos como exemplo tais artistas, isto porque para os "jovens" do Grupo Sul:

o artista moderno parece tender para síntese absoluta: uma figura humana, uma atitude, uma idéia, uma expressão. A arte clássica procurava aproximar-se do objeto observado e representá-lo o mais idênticamente possível, apresentando depois uma obra que era mais uma CORREÇÃO da natureza que a copia fiel da mesma. Os acadêmicos tentando copiar, acabaram corrigindo a natureza; perdendo-se no objeto, por falta de vigor das realidades psicológicas e da atividade mental espontânea, captaram o que ele possui de mais epidérmico e tangível¹²

E afirmaram mais:

na pintura, a reprodução exata da natureza ou o aperfeiçoamento dela era o apanágio das escolas clássicas. Hoje a aperfeiçoadíssima fotografia faz esse serviço. A pintura moderna é mais sugestiva, e procura, principalmente, mostrar a alma, o estado de espírito do homem.¹³

¹¹ C. de S. *Sul*, Florianópolis: IOESC. n. 30, ano X, dez 1957. p. 59.

¹² PIRES, Aníbal Nunes. *Sul*, Florianópolis: IOESC. n. 1, ano I, jan. 1948. p. 1.

¹³ VIEIRA, Fulvio. *Sul*, Florianópolis: IOESC. n. 2, ano I, fev. 1948. p. 3.



Não é o retrato deste discurso que visualizamos nas obras divulgadas na Revista *Sul*, e aqui analisadas? Talvez, penso na possibilidade do inverso, - Os que escrevem e constroem o discurso modernista, não estariam estes diante de obras inovadoras, das experimentações destes artistas? Porém poderia concluir que o espírito rebelde os fez produzir ou criar obras novas, e a pesquisa os fez captar o espírito, ou a alma do objeto representado, assim o próprio Martinho de Haro nos fala "a pintura contemporânea possui a preocupação máxima da pesquisa e o artista procura expandir o seu espírito inventivo."¹⁴

Foram muitas as informações obtidas nas leituras das páginas de *Sul*, e na observação das imagens, ilustrações dos artistas aqui propostos. Na análise produzida, do modernismo catarinense divulgado pelos "jovens" do CAM, além do espírito rebelde e pesquisador, legados estes da semana de 22, podemos destacar a vivacidade e positividade dos temas locais¹⁵.

Podemos entender o modernismo como uma construção de uma nova linguagem, proporcionada pela troca entre os intelectuais e os artistas interessados no aprimoramento de suas técnicas, e na exaltação do seu espírito inventivo, a natureza e as paisagens locais estavam ali para serem observadas e expressas de maneira singular.

Fontes

Periódicos:

Sul. Florianópolis: IOESC. n. 1-30, ano. I-X, jan. 1948- dez. 1957.

Imagens:

Figura 1 – MUND JUNIOR, Hugo. *Sem título*. Xilogravura (reprod.) 13 x 12cm. In.: *Sul*, Florianópolis: IOESC, n. 24, ano VIII, mai. 1955. p. 55.

Figura 2 – MUND JUNIOR, Hugo. *Pescadores*. 1957. Desenho sobre papel (reprod.): p & b.; 13 x 12cm. In.: *Sul*. Florianópolis: IOESC. n. 30, ano X, dez. 1957. p. 96.

¹⁴ HARO, Martinho de. apud. VIEIRA, Fulvio. *Sul*, Florianópolis: IOESC.n. 8, ano II, abril 1949.

¹⁵ LEHMKUHL, op. cit. p. 24.



Figura 3 – MEYER FILHO, Ernesto. *Porto de Florianópolis*. 1955. Desenho sobre papel (reprod.): 11 x 13,5cm. In.: Sul, Florianópolis: IOESC, n. 24, ano VIII, mai. 1955. p. 72.

Figura 4 – HARO, Martinho de. *Casa de Victor Meirelles*. 1952. desenho sobre papel (reprod.): p & b.: 23 x 16cm. In.: Sul. Florianópolis: IOESC, n.16, ano V, jun. 1952.

Figura 5 – CORRÊA, Heidy de Assis. *Igreja de São Francisco*. Desenho sobre papel azul (reprod.): p & b.: 23 x 16cm. In.: Sul. Florianópolis: IOESC, n. 30, ano X, dez. 1957. capa.

Referências Bibliográficas:

ARAÚJO, Adalice Maria de. *Mito e magia na arte catarinense*. Florianópolis: IOESC, [1977].

AYALA, Walmir; HARO, Rodrigo de. *Martinho de Haro*. Rio de Janeiro: Leo Christiano Editorial, 1986.

DAMIÃO, Carlos. *Meyer Filho: vida e arte*. Florianópolis: FCC, 1996.

JUNKES, Lauro. *Anibal Nunes Pires e o Grupo Sul: um estudo sobre o Grupo Sul e uma antologia dos poemas e contos de Anibal Nunes Pires*. Florianópolis: Ed. da UFSC: Lunardelli, 1982.

LEHMKUHL, Luciene. *Imagens além do círculo – O Grupo de Artistas Plásticos de Florianópolis e a posituação de uma cultura nos anos 50*. Florianópolis, UFSC, 1996. Dissertação (Mestrado em História). UFSC, 1996.

MODERNOS do Sul. Florianópolis: Contraponto Produções, 2005. 1 dvd 52 min.

SABINO, Lina Leal; Fundação Catarinense de Cultura. *Grupo Sul: o modernismo em Santa Catarina*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982.

Recebido em 07 de dezembro de 2010.

Aceito para publicação em 10 de maio de 2013.

